



Transcrição do 4º áudio de Alessandra

Alessandra: Eu me lembro do meu aniversário, em junho. Eu já me vi endividada e com um vazio, porque você está sozinha, você está sem dinheiro, você está sem perspectiva.

E eu já tinha lutado com outros tipos de compulsão – tipo, eu luto com a compulsão da obesidade. E vi que eu conseguia emagrecer, mas não conseguia parar de jogar. Eu falei: “Nossa, que difícil... Emagrecer é mais fácil do que parar de jogar”.

Eu me lembro que estava na igreja, procurei esse auxílio, contei para o pastor. O pastor não conseguiu me ajudar. Eu saí da igreja porque eu não conseguia parar. Eu falava: “Não, eu vou conseguir parar”. Mas eu falava isso de manhã, às 7 horas da manhã, e quando era 11 horas, eu estava jogando. Não conseguia ficar 4 horas sem jogar.

Então assim, eu podia falar, mas a minha fala era muito rasa, porque realmente eu não tinha domínio. Eu não conseguia parar nem um dia. Eu era uma pessoa que já estava trocando o dia pela noite.

Eu dormia mais de dia porque à noite eu tinha a impressão de que dava para fazer mais dinheiro. Nesse momento, à noite, eu já dormia até umas 10, 11 horas. Quando a casa estava toda parada, eu acordava para ficar jogando.

E um dia, numa madrugada, eu me senti cansada daquilo. Eu falei: “Não, eu tenho que parar. Eu tenho que parar porque do jeito que está...”. E começou a me dar aquela dor existencial, entendeu?

O jogo já me machucava, já não trazia mais aquela sensação boa que era no começo. Eu vi a minha conta, eu vi que fiquei extremamente endividada, eu vi que não conseguia mais pensar em mais nada, vi minha família se afastando.

Aí foi num dia que eu procurei Jogadores Anônimos na internet e entrei na linha de ajuda. Imediatamente eu fui respondida – a prontidão deles me chamou a atenção.

Aí eu falei para eles que eu precisava parar de jogar, que eu estava desesperada. Me mandaram umas perguntas, o primeiro passo, e quando eu li aquilo, fiquei impressionada. Isso foi na madrugada de sábado, mais ou menos uma hora da manhã.

Naquele mesmo dia me passaram os links da reunião, e às 10 horas da manhã do sábado entrei na reunião. E quando eu entrei naquela reunião, estava machucada, abandonada, porque só estava eu sozinha. Ninguém mais estava comigo – até porque eu não tinha para quem contar o que eu estava sofrendo interiormente. Eu não levei para o meu trabalho, então ficou um assunto restrito à minha casa.

E quando eu entrei naquela reunião naquele sábado de manhã, eu falo que foi divisor de águas na minha vida. Porque ali eles falaram que eu era a pessoa mais importante.

E quando eu li as perguntas e o primeiro passo – lá fala que era uma doença emocional – até então eu não achava que era uma doença. Eu achava o que o senso comum fala: que é uma pessoa que não tem vergonha na cara, que não para porque não quer, porque gosta, entendeu?

E ali eu entendi que eu tinha uma doença. Descobrir aquilo, que eu era uma pessoa importante e que eu tinha uma doença, foi divisor de águas na minha vida.